



GÊNERO, RAÇA, ESCOLHAS AFETIVAS E SIGNIFICADOS DE SOLIDÃO ENTRE MULHERES NEGRAS EM SALVADOR, BAHIA

Ana Cláudia Lemos Pacheco¹

INTRODUÇÃO

A década de 1980 foi um período importante do ponto de vista da mobilização política do “feminismo negro” brasileiroⁱ. Na academia, despontaram-se os primeiros trabalhos científicos contemporâneos que se têm notícia sobre a mulher negra brasileiraⁱⁱ. Tais pesquisas apontaram para a importância de levar em consideração o binômio gênero e raça nas análises sócio-demográficas, históricas e antropológicas no campo dos estudos feministas e das relações raciais. Constatava-se uma ausência marcante deste tema nos dois campos de estudos citados na nossa produção científica contemporânea. Foi neste momento que surgiu o interesse de estudo sobre os aspectos conjugais e sobre o celibato da população negra nas

¹ Doutora em Ciências Sociais – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). São Paulo – Brasil. E-mail: ana_pachecau@hotmail.com



pesquisas demográficas, com recortes raciais e sexuais, em alguns centros acadêmicos brasileirosⁱⁱⁱ.

Na década de 90, com exceção dos estudos demográficos^{iv}, não se tem conhecimento de nenhuma outra pesquisa que trate da questão da afetividade^v da mulher negra no Brasil. O que se constata são alguns estudos pontuais, artigos, cujo foco de análise é as relações inter-raciais entre negros (as) e brancos (as). Por outro lado, observa-se uma maior visibilidade nos escritos feministas, na mídia, nas pesquisas jornalísticas com os aspectos subjetivos das mulheres negras brasileiras^{vi}.

Na Bahia, inexistem estudos sobre solidão entre mulheres negras. Até o momento em que foi desenvolvida esta pesquisa^{vii}, nenhum estudo de natureza sócio-antropológica havia investigado essa problemática, o que torna importante o alcance deste estudo para se entender as relações afetivo-sexuais, raciais e de gênero no contexto baiano atual.

Baseada nas pesquisas citadas e na minha tese de doutorado^{viii}, esta comunicação procura responder sobre as seguintes questões: a) como – gênero, raça e outros marcadores sociais - operam nas trajetórias sociais e nas escolhas afetivas das mulheres negras selecionadas? Como as mulheres pesquisadas pensam sobre as experiências da solidão?

AS MULHERES NEGRAS “SOLITÁRIAS”

O universo da pesquisa constitui-se de dois conjuntos de mulheres negras: um, das ativistas políticas, integrantes do Movimento Negro^{ix} e do Movimento de Mulheres Negras^x e



o outro, de mulheres negras não ativistas, em Salvador, Bahia. A seleção dos dois grupos tem como objetivo confrontar as trajetórias e narrativas das mulheres acerca de suas escolhas afetivas e das experiências da “solidão”. Sendo assim, selecionei 25 mulheres, 12 do primeiro grupo e 13 do segundo, respectivamente. Para fazer a análise de trajetória e das entrevistas em profundidade, selecionei dez mulheres, cinco ativistas políticas e cinco não ativistas. O critério geral utilizado foi de mulheres que, até o momento da pesquisa, encontravam-se “sós”, isto é: i) sem parceiros fixos, ii) sem uma relação afetiva estável; com coabitação ou sem coabitação.

Outro critério importante de seleção dos grupos estudados foi o diferencial entre “político” e “não-político”. Essa diferenciação pautou-se na necessidade de ampliar o escopo da pesquisa para além das mulheres do campo do movimento social, observando semelhanças e diferenças entre os dois grupos. Assim, foram selecionadas mulheres que atuam como lideranças nos movimentos sociais organizados e mulheres que não atuam em organizações e ou fóruns dos movimentos sociais, o que não significa, no entanto, que estas últimas não tenham percepção política sobre o mundo social e sobre suas relações afetivas. A partir daí, buscou-se analisar como as informantes percebem e significam suas trajetórias social-afetivas e a ausência de parceiros fixos..

Em relação à classificação racial das entrevistadas, utilizei a metodologia da auto-classificação, questionando-as, com a pergunta: qual é a sua cor e raça? Adotei o conceito de raça como parâmetro de Guimarães^{xi}. A partir dessa compreensão, levei em consideração nos



Anais
V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

relatos das entrevistadas, as categorias de identificação racial, fenótipo, cor, práticas culturais, técnicas corporais, linguagem, discursos sobre o racismo, sobre o preconceito racial e a cultura negra, vivenciados pelas informantes ou vivenciados pelos outros.

Outras variáveis foram levadas em consideração. A ocupação, renda e escolaridade foram introduzidas com o objetivo de perceber a diferenciação social interna entre as mulheres. O recorte de classe^{xii} foi fundamental à medida que as experiências afetivas das mulheres investigadas, sua situação de solidão, não estão dissociadas de fatores objetivos, de seus trajetos e de sua posição na hierarquia social baiana e brasileira. Visando esse objetivo, foram selecionadas mulheres de segmentos sociais diferenciados: secretárias, intelectuais, auditoras fiscais, fisioterapeuta, trabalhadoras domésticas, autônomas, educadoras, manicura.

Outra variável a ser destacada, foi à idade. No grupo das 12 ativistas políticas entrevistadas, oito encontravam-se na faixa etária entre 35 a 45 anos de idade, três, entre 50 e 60 anos e uma com 28 anos de idade. Nesse grupo, chamou-me atenção o fato de ter encontrado apenas uma mulher abaixo dos 30 anos de idade. Embora este estudo não priorizasse uma análise sobre idade/geração, tal categoria não deixou de ser levada em consideração como um fator que altera a situação conjugal e afetiva dos grupos selecionados.

No segundo grupo, entre as treze entrevistadas, sete encontravam-se na faixa etária entre 45-50 anos de idade, duas entre a faixa etária de 18-26, duas, na faixa de 42 e duas, na faixa de 30 anos de idade. Nesse grupo é necessário destacar que só encontrei duas jovens na faixa etária entre 18 a 26 anos que atendessem ao critério geral da pesquisa, ou seja, mulheres sem parceiros fixos. Esta variável torna-se realmente importante quando a discussão é sobre “solidão” entre mulheres, como já demonstraram algumas pesquisas^{xiii}.



No próximo item procuro demonstrar como a dinâmica de gênero^{xiv} e sua intersecção com raça, classe e outras categorias, como geração, influenciaram nas escolhas afetivas e nas experiências de solidão das mulheres selecionadas. Para tanto, analiso algumas trajetórias^{xv} e narrativas^{xvi} a fim de demonstrar como práticas singulares expressam contextos sócio-culturais mais amplos.

Gênero-raça e classe nas trajetórias das mulheres negras

Na análise das trajetórias sociais e afetivas das mulheres, identifiquei alguns eixos estruturadores. Observei que os marcadores sociais relevantes pelos quais suas escolhas afetivas foram estruturadas estavam relacionados com as categorias de gênero, raça e classe.

A articulação entre essas três categorias foi observada a partir da origem social e familiar das mulheres analisadas: Seus pais eram negros e pobres, os homens exerciam trabalhos braçais de baixa remuneração, como operários da construção civil, trabalhadores rurais e outras ocupações que exigiam força física. Suas mães, tias e avós, todas negras e pobres, exerciam o trabalho doméstico remunerado ou eram trabalhadoras rurais. Esse é um fator bastante relevante à medida que vem confirmar os dados estatísticos sobre o perfil social da população negra feminina brasileira^{xvii} e a perversa articulação que há entre raça, gênero, classe nas trajetórias familiares das entrevistadas. Essas hierarquias expressam parte daquele imaginário social que atribui as negras à função do trabalho servil (“negra para trabalhar”) e da reprodução sexual nas relações sociais e afetivas^{xviii}. Entretanto, pude constatar que as mulheres analisadas tentaram “driblar” as hierarquias sociais descritas. De que forma?



As ativistas e não-ativistas tentaram driblar as barreiras sociais, através do trabalho, da educação, da rede familiar e de ajuda. Isso se verificou na importância que o trabalho doméstico de suas mães/avós/tias tivera na orientação de suas trajetórias sociais e profissionais. A educação, pública e de boa qualidade, foi o principal mecanismo de mobilidade individual das mulheres investigadas, algumas delas reorientaram sua trajetória ocupacional para um destino diferente da de suas mães/avós, galgando novos “degraus” na estrutura social baiana, relatado por algumas entrevistadas como “me mãe dizia: eu não estudei, mas eu quero que meus filhos estudem para ter um futuro melhor”.

Contudo, observei que a mobilidade individual e social entre as mulheres dependeu do grau de capital cultural que seus pais acumularam e das redes de ajuda naquele contexto cultural. Por exemplo, as trabalhadoras domésticas foram aquelas que tiveram mais dificuldade em acumular capital econômico-cultural, em seu percurso. Verifiquei que a maioria iniciou muito cedo no trabalho doméstico remunerado, ainda “meninas”, imersas no trabalho “mal pago”, rotativo, baseado nas relações de exploração^{xix}. Tais relações impediram estas trabalhadoras de ter um maior investimento em educação, o que resultou na evasão escolar, dificuldade para conciliar o trabalho e a escola, ou nas péssimas condições da escola pública no curso noturno. Apesar de existir diferenças sociais entre as mulheres desses grupos, há um dado em comum. Todas desafiaram as hierarquias sociais prescritas historicamente. As ativistas, através da política e as não-ativistas, recriando novas relações sociais construídas em outros contextos.

As escolhas afetivas



O corpo^{xx} foi uma das categorias mais acionadas nas relações sociais construídas pelas informantes acerca dos sentidos atribuídos às suas escolhas afetivas^{xxi} e à ausência de parceiros fixos. Foi no corpo que as mulheres perceberam, sentiram e ressignificaram a “solidão”. Isso se evidenciou nos relatos dos dois grupos de mulheres.

1) Nos relatos das ativistas políticas, percebi que os sentidos atribuídos às escolhas de parceiros estavam relacionados com categorias de raça, gênero, política e outras categorias. A raça foi acionada por meio de elaborações corpóreas de diferenciações raciais, simbolizadas pela “cor”, traços, fenótipo, estética e cabelo, desdobrando-se em práticas de discriminação racial vivenciadas pelos corpos femininos negros em seu percurso social e afetivo. Na afetividade, a raça é, recorrentemente, acionada como um signo de preferência afetiva por um “outro” corpo, não-negro, cujas marcas raciais se dividiram entre mulher negra x mulher branca: “eles preferem as loiras”.

A raça, também, foi acionada em sua simultaneidade com a categoria de geração, traduzindo-se em elaborações de preconceito racial na adolescência, experimentadas na rejeição das meninas negras e pobres pelos “garotos negros e brancos da escola” e do bairro que “preferiam as meninas de pele clara para namorar”. Raça e geração formam um binômio que organizam o leque de escolhas afetivas das informantes, na sua fase jovem, colaborando para a desvalorização de sua auto-estima negra interpretada e vivenciada através da violência do corpo: negra feia/ branca bonita; pele clara pele retinta; corpo/negro; gordo/magro; corpo assediado; auto-estima baixa/ rejeição.

Na política, os corpos femininos negros foram ressignificados. Isso foi evidenciado na linguagem corporal e discursiva. A política transformou os corpos, antes, negados e



Anais
V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

perpetrados pela violência do racismo, a violência física, social e simbólica, em corpos revoltados.

As mulheres ativistas redimensionaram as relações de gênero à medida que se empoderaram de capitais políticos e simbólicos no plano das disputas de poder com os seus parceiros, no campo político. Isso se expressou em conflitos de gênero no interior do próprio campo, entre homens e mulheres, simbolizados em expressões como: “eles [os militantes] não nos vêem como mulheres e sim como homens”; “para eles, nós militantes somos complicadas, “problemáticas” como eles costumam me chamar”, “os militantes homens são muito machistas”, “um grupo de homens foi expulso da entidade, devido a sua prática machistas para com as mulheres”, “era uma guerra entre as feministas e os machistas no interior da entidade”.

As tensões constantes, marcadas pelo gênero entre os ativistas, impediram as mulheres de manterem relacionamentos afetivos estáveis com seus pares negros militantes “dentro” do campo político. Por outro lado, as preferências afetivas de seus parceiros negros por mulheres “fora” do movimento social, brancas, “loiras” e de “pele clara”; aprofundaram as lutas simbólicas e afetivas entre eles, desdobrando-se nos pares de oposição: ativistas negras x ativistas negros; mulheres negras x mulheres brancas. As relações de gênero foram mapeadas pela política e pela racialização, desorganizando o leque das escolhas afetivas das mulheres ativistas com os seus pares negros militantes, excluindo-as do “mercado afetivo” na disputa com as mulheres brancas e com as mulheres não-ativistas. Evidenciadas em algumas narrativas das informantes: “as militantes assustam os homens”, “uma mulher como eu?! os homens fogem”, “eles preferem mulheres ingênuas, despolitizadas”, “eles preferem as brancas”.



Anais
V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

No que se refere às relações afetivas “fora” do movimento social, as ativistas encontraram obstáculos para negociar a política e o afeto com os seus pares amorosos, não-“militantes”. Constatei esse fato de várias maneiras. As mulheres que acumularam capital político e simbólico não conseguiram manter a vida afetiva e ou conjugal, pelo menos depois de se transformarem em ativistas. A ressignificação das relações de gênero foi sinalizada como uma mudança de valores tradicionais referentes aos “papéis” que as mulheres deveriam assumir como mães (quando são) ou esposas no cuidado do lar, da família e do marido. Essa quebra foi evidenciada nas narrativas das mulheres entre o “antes” e o “depois” de se inserirem no movimento social e romperem com o modelo de gênero descrito, percebida por uma ativista dessa forma: “ele [o seu ex-companheiro] disse: - ‘largue o movimento e venha tomar conta dos filhos”, eu abdiquei do casamento e fui viver a minha liberdade”; ou então, “quando eu entrei no movimento negro, o meu casamento dançou”. Tais expressões revelam o quanto o “gênero” foi significante na desarrumação das uniões conjugais das ativistas com seus pares amorosos “fora” do campo político.

A categoria de gênero foi acionada nas narrativas das ativistas como impeditiva para constituírem um relacionamento afetivo estável com os seus parceiros. Ela apareceu traduzida na questão da poligamia masculina, “fora” do campo político. A metáfora do



“mulherengo” informou a dinâmica do gênero (permanências e rupturas) e sua relação com o marcador de raça, revestida em categorias de “dentro” e de “fora”. Os homens de “dentro” do movimento social, segundo algumas informantes, preferem mulheres brancas ou de pele clara ou então mulheres não “militantes”; enquanto os homens de “fora”, além de terem um grande número de parceiras, preferem mulheres que se enquadrem aos modelos normativos das relações de gênero. As ativistas, ao redimensionarem o modelo de relação afetiva convencional, geraram zonas de conflitos raciais [mulheres negras ativistas x mulheres brancas] e de gênero, com os seus parceiros “dentro” e “fora” do campo político (mulheres ativistas x homens ativistas x mulheres não-ativistas), desestabilizando os relacionamentos afetivos com os seus pares. Essas categorizações foram reguladoras das escolhas afetivas das ativistas. Gênero, raça e política delinearão a ausência de parceiros fixos das mulheres desse grupo.

2) No relato das mulheres não-ativistas, os sentidos atribuídos às escolhas afetivas se deram em outros contextos sociais, corporificados pelas hierarquias sociais, evidenciando-se no redimensionamento das relações de gênero e no seu dinamismo com as relações de classe e de raça.

A dimensão do gênero e suas relações foram acionadas nos relatos das informantes desse grupo em dois momentos distintos. Primeiro, na relação entre mulheres e homens negros



pobres; segundo, na relação entre mulheres negras de camada média com parceiros negros pobres e com parceiros (homens) brancos estrangeiros.

No primeiro caso, a dimensão de gênero organizou, juntamente com as dimensões de classe e de raça, as escolhas entre mulheres que vivenciaram situações de classe iguais ou semelhantes aos de seus parceiros negros. Isso ficou evidenciado na orientação das trajetórias sociais e ocupacionais dessas informantes. Boa parte delas, teve uma trajetória ocupacional precária, calcada na pobreza e na carência material de seus familiares. Essas categorias foram vivenciadas através do corpo: exploração das relações de trabalho pelas “patroas”, violência física e sexual praticadas pelos “patrões”, dentre outros tipos de violência. Entretanto, destaco que, nas narrativas das mulheres, os atributos de gênero foram mais acionados como des (organizadores) de suas escolhas afetivas com seus parceiros negros.

Os conflitos de gênero foram sinalizados por meio da metáfora do homem “mulherengo”, na questão da poligamia dos pares negros e pobres, do abandono do lar por seus pais/padrastos negros.

As re-configurações do gênero foram identificadas nas narrativas das mulheres negras e pobres na condução da sustentação financeira da casa e na educação dos filhos, sozinhas. Quando uma informante diz “eu sou a chefe da família”, “eu sou pai e mãe”, “eu comprei a minha casa sozinha”; ela aciona categorias que estão relacionadas com marcadores de gênero-classe. A pobreza de seus parceiros negros é traduzida em expressões como “ele



Anais
V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

ganha muito pouco, não dá pra nada”, “ele não colabora” e nas ocupações que estes exercem, como pintor, pescador, trabalhador rural, marceneiro etc.

Nos discursos dessas informantes, eu não encontrei uma relação direta entre a pobreza de seus pares negros e o abandono da casa e da família, como sugeriram alguns estudos sobre esse modelo familiar na Bahia^{xxiii}. Há, sim, uma relação entre abandono, paternidade e troca de parceiras nos relatos das trajetórias familiares e na narrativa de algumas informantes. A classe e a raça não foram acionadas em suas narrativas. Sugiro que tais categorias foram, também, reguladoras das escolhas afetivas dessas mulheres.

Acredito que a posição de classe e de raça dos homens negros, dos “pretos-pobres de Salvador”, deve ter contribuído para a constituição dessas mulheres como chefes de família. Isso é uma hipótese, o que não significa dizer que as mulheres investigadas não tiveram poder de escolha. Como demonstrei em alguns relatos, a decisão da separação conjugal não se restringiu exclusivamente ao poder de decisão dos homens. O que importa, nessa discussão, é que as não-ativistas re-elaboraram novos modelos de relações de gênero e de afetividade a partir da construção da feminilidade fora da norma vigente e, ao mesmo tempo, colocaram em questionamento a paternidade /masculinidade de seus parceiros negros e pobres. No dizer de uma das informantes “ele não participava, não ligava para os filhos, “eu é



Anais
V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

que era mãe e pai ao mesmo tempo”, “eu tenho que me virar sozinha, criar minha filha, sozinha, só isso”.

Sendo assim, posso afirmar que as escolhas afetivas das mulheres negras e pobres foram orquestradas ao tom das hierarquias do gênero, vivenciadas através de noções de paternidade/masculinidade; feminilidade/abandono; chefia feminina / matricentralidade, poligamia /troca de parceiros; perfiladas por classe: pobreza feminina e masculina; o que confirma boa parte das pesquisas que ressaltam a precariedade das condições de trabalho das chefes de família, em sua maioria, negras^{xxiii}. Essas categorias interseccionadas pelo gênero foram percebidas como organizadoras da instabilidade afetiva das mulheres negras e pobres com os seus parceiros, também, negros e pobres. Tal modelo familiar, de mulheres negras e pobres, chefiando seus grupos domésticos, sozinhas, sem parceiros fixos, na Bahia, é visto como um enigma ainda a ser decifrado.

No segundo momento da análise, procurei demonstrar como as mulheres negras que experimentaram ascensão social deram sentidos às suas escolhas afetivas com seus pares negros e brancos.

Nas narrativas das mulheres desse segmento social, constatei que as hierarquias de gênero, raça e classe foram percebidas de modos diferentes se comparadas às mulheres anteriormente analisadas. O gênero e a classe foram interpretados a partir de relações de



conflitos entre as mulheres negras de camada média com seus pares negros pobres, devido a questões da paternidade (não responsável), da figura do “gigolô” - do homem negro e pobre “encostado” - na troca de parceiros e nas mudanças dos “papéis” tradicionais de gênero. Nessas novas configurações das relações sociais, as mulheres negras entraram com o capital social e econômico elevado, o que lhes possibilitou maior empoderamento nas relações de gênero diante dos seus parceiros, gerando conflitos e desequilíbrio nas relações amorosas com eles. Isso foi percebido quando relataram as dificuldades cotidianas entre elas e seus parceiros quanto à divisão das tarefas domésticas, expressas na autoridade feminina na casa “ele não se movimenta”, “eu não preciso de um homem para fazer as coisas, consertar o meu chuveiro, a minha pia”, “eu tomo a decisão sozinha”.

O imbricamento das relações de gênero e classe foi marcado, simbolicamente, pela figura do “gigolô”. Este foi representado como o homem negro, desprovido de capitais econômico-sociais e simbólicos, que entrara no mercado das trocas financeiras e afetivas com suas parceiras cujo *status* social e econômico é bem mais elevado do que o seu. A relação de troca se deu em pólos contrastantes de masculino-feminina. Isto é, as mulheres entraram com o investimento financeiro em troca do retorno afetivo de seus pares negros e pobres. Todavia, a inversão das relações de gênero, em que as mulheres se apropriaram do poder econômico, desorganizou as relações afetivas entre as informantes e seus pares amorosos. Elas, apesar de fazerem um grande investimento financeiro nas suas relações afetivas, saíram “perdendo” no “mercado das trocas afetivas, materiais e simbólicas”, “a lei da troca” não foi muito “rentável” para as “apostadoras”, como registrou uma informante “eu quebrei a cara”; “eu poderia ter virado o jogo”.



Os conflitos de gênero foram percebidos pelas entrevistadas, a partir de outros referenciais. A questão da paternidade (não responsável) foi um elemento que desequilibrou o “jogo” das uniões afetivas entre ela e seus parceiros. Entretanto, a sua autoridade, enquanto uma mulher dotada de capitais sócio-econômico e cultural, a transformou em uma mãe “moderna” e “independente”, criando zonas de conflitos marcadas por atributos de gênero, *status* (classe) e de autoridade (prestígio) nas relações. Por outro lado, as informantes colocaram em xeque as ideologias do modelo patriarcal dominante, questionando a masculinidade e a paternidade, a falta de compromisso dos homens para com a educação dos filhos. Tais ideologias foram analisadas sob o prisma de categorizações contestatórias de gênero, significadas dessa forma: “ele é um pai irresponsável”, “eles vão fazendo os filhos e largando por aí”, “sou eu quem sustento meu filho sozinha”. Gênero, aqui, é um lugar constituído por lutas políticas e simbólicas travadas pelos agentes em disputa. Dentre essas lutas, as hierarquias de gênero e de classe tensionaram mais do que as de raça, impedindo o modelo de relacionamento afetivo estável entre mulheres negras de camada média com homens negros de camada popular.

Na relação entre mulheres negras de camada média e homens brancos estrangeiros, constatei que a raça foi reguladora no dismantelamento das relações inter-raciais, manifestadas pelas ideologias do racismo, nas construções de estereótipos negativos engendrados nos corpos negros femininos. Essas elaborações foram sinalizadas nas narrativas das informantes, como “a negra que quer se dá bem com o gringo”, expostas no imaginário social. As categorias de raça, gênero e geração e, com menor peso, a de classe, foram interpretadas na sexualização/erotização dos corpos de meninas negras e pobres estigmatizadas em lugares públicos devido à sua “condição” racial e sexual. Esse imaginário social e coletivo, não permitiu às informantes, apesar das várias estratégias para burlarem a falta de parceiros fixos, que transcendessem as



barreiras da raça (e seu colorário, o racismo) por meio de estigmas inscritos nos corpos negros femininos: da “prostituta”, da “negra que quer se dá bem com o gringo”, da sexualização, do “corpão”, do “bundão”. Gênero e raça foram às categorias constituintes da ausência de parceiros fixos das mulheres negras de camada média com os seus pares brancos estrangeiros.

A SOLIDÃO

Para as mulheres ativistas, a ausência de parceiros fixos ganhou várias denominações. O conceito de solidão foi acionado recorrentemente e quase sempre relacionado com a ausência de alguém para constituir um relacionamento afetivo durável, uma união, uma vida conjugal, um projeto familiar, “uma vida a dois”. Como disse uma informante “para mim, estar sozinha, sem alguém, não é estar bem, eu não estou a fim de ficar só, eu não quero ficar só”.

A solidão foi percebida através de outras teias de significações, ganhando vários significados nas narrativas das mulheres desse grupo, como sofrimento, dor, vazio, diferença, falta, infelicidade. Foi associado a sentimento, emoção, escolhas, “trocas”, traição, preferências, negros / brancas/ pele escura, pele clara, branca, negra, retinta, auto-estima, corpo, preconceito, sexualidade, discriminações, racismo, negação, rejeição, belo / feio / gorda / magra / violência, feminismo; machismo, igualdade / diferença. Traduzindo-se em



ausência de companheirismo, solidariedade, respeito, igualdade; em amor ideal, romantismo e completude.

As ativistas procuraram superar e ressignificar a solidão, ou ausência de parceiros fixos, através da política e de outras relações sociais construídas no trabalho, na comunidade, no sindicato, na família, nas redes de amizade, no lazer, no bairro, nas novas redes de relações sociais e afetivas enunciadas em metáforas como “eu vou tocando o barco sozinha”, “estou sozinha, mas estou bem”; na realização profissional, na maturidade, na independência, no poder e na *liberdade*, como disse uma ativista: *entre a militância e um companheiro, eu prefiro a política*, ou na religião: “o Candomblé não é uma religião de solidão”.

Para as mulheres não-ativistas, a ausência de parceiros foi significada em categorias como “solidão”, “sozinha”; “solitária”, “sós”, ausência de um parceiro, de alguém. Ganhou outros significados associados à “casa”, ao trabalho, à cor/raça, à pobreza, à profissão, à falta de companhia, à amizade, a separação conjugal, à frustração, desilusão, decepção, ilusão, abandono, *status*, “troca”, a falta de compromisso, a “ficar”, “transar”, “banda vôo”, “passageiro”, “mulherengo”, “gigolô”, “transitório”, “tristeza”, “afeto”, “sentimento”, poder e corpo.

A solidão para essas mulheres esteve associada à falta de um parceiro que compartilhasse de um mesmo *status* social. Nesse sentido a solidão foi lida através das relações de classe, raça e gênero.

A solidão foi mencionada com relação à “troca”, tanto a trocas afetivas quanto á trocas financeiras, traduzidas em metáforas como “eu quebrei a cara”, “eu poderia ter “virado o jogo” referindo-se ao investimento financeiro que fizera na relação amorosa com o seu



parceiro. Tal investimento seria uma forma de burlar a solidão. “Eu quero uma pessoa para ficar comigo, que esteja interessado em mim[...] se não for assim, eu chego a conclusão que eu funciono melhor sozinha”. Ou então no figura do “gigolô”, do “homem encostado”, “que só quer se relacionar com mulheres com poder aquisitivo”, e da falta de responsabilidade paterna.

Estas razões teriam contribuído para a solidão entre as mulheres desse grupo, isso se traduziu na separação conjugal, geralmente partindo das decisões das esposas, no dizer de uma informante “eu mandei ele pegar a pista”, referindo-se ao término da relação; ou então, em expressões como “ele não participava, não ligava para os filhos, eu é que era mãe e pai ao mesmo tempo”.

CONSIDERAÇÕES

Posso afirmar que as mulheres negras investigadas, dos dois grupos estudados, tentaram burlar a solidão, isto é, a ausência de parceiros, atribuindo-lhes significações produzidas numa rede de emaranhados de categorias que denotam maneiras de pensar e de negociar às suas escolhas, na busca por outros caminhos, novos espaços sociais. Esses espaços se materializaram no trabalho, na família, na política, na comunidade, no bairro, na escola, no sindicato, na religião; produziram novas redes de relações sociais, redefinindo-as, quebrando tabus, lutando contra a opressão, politizando os seus corpos por meio de novos contextos corporificados. Isso pode ser evidenciado na fala de uma informante, trabalhadora doméstica, não-ativista: “estou só, sou gorda, negra, mas me sinto bonita, amo a vida, visto tudo, inclusive maiô para ir á praia, entro em qualquer lugar de cabeça erguida, adoro meu cabelo “duro”, estou pronta para a vida e aberta ao amor”.



A solidão foi lida, na maioria das vezes, por essas mulheres, como um signo de libertação e não de submissão como quer o “feminismo” descontextualizado, que insiste em negar as diversas experiências (sociais e afetivas) dos sujeitos e de seus corpos, que nem sempre são “brancos de classe média e heterossexual”. A solidão é uma categoria ambígua, circulante, é um signo “público” no dizer de Geertz^{xxiv}.

BIBLIOGRAFIA

AGIER, Michel. O sexo da pobreza: homens, mulheres e famílias numa Avenida em Salvador da Bahia, *Tempo Social* (Universidade de São Paulo) vol.2, nº 2, 1990.

ALMADA, Sandra. *Damas Negras - Chica Xavier, Léa Garcia, Ruth de Sousa, Zezé Motta*, Rio de Janeiro: MAUAD, 1995.

BAIROS, Luiza. Mulher negra: reforço da subordinação. In: João J.Reis (org.). *Escravidão e invenção da liberdade: estudos sobre o negro no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. Luíza. Nossos feminismos revisitados, *Revista Estudos Feministas*, V.3, nº 2, IFCS / UFRJ, R.J, 1995.

BENTO, Maria Aparecida Silva. A mulher negra no mercado de trabalho. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro: IFCS, UERJ, v.3, n.2, 1995

BERQUÓ, Elza. *Nupcialidade da população negra no Brasil*, Núcleo de Estudos de População (NEPO), UNICAMP, texto nº 11, São Paulo, agosto de 1987.

_____. Elza. *Pirâmide da Solidão?* Trabalho apresentado no V Encontro Nacional de Estudos Populacionais da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), São Paulo, outubro de 1986.



BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n 62/63, juin, 1986, Paris.

_____. Pierre. *O poder simbólico*, Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

CARNEIRO, Sueli e **SANTOS**, Theresa. *Mulher Negra*, São Paulo: Nobel/Conselho Estadual da Condição Feminina, 1988;

_____, Sueli. Gênero, Raça e Ascensão Social, *Revista Estudos Feministas*, IFCS/UERJ, vol.3, n.2, 1995

CASTRO, Mary G. *Alquimia de categorias sociais na produção de sujeitos políticos (Gênero, raça e geração entre líderes do sindicato de trabalhadores domésticos em Salvador)*, XV Encontro Anual da ANPOCS, GT "Relações Sociais de Gênero", Caxambu, MG, 1991.

COLLINS, Patrícia Hill. The social Construction of Black Feminist Thought, *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v. 14, nº 04, 1989.

CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. *Cadernos Pagu* (6/7) 1996.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero, *Estudos Feministas* (01) 2002. pp.171-263.

FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*, Rio de Janeiro: Ed.Fator, 1983 e

FERNANDES, Florestan. *A integração do Negro na sociedade de classes*, volume 2, 3ª edição, São Paulo Ática, 1978 [1965].

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos de identidade negra*, Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GONZÁLES, Lélia e **HANSENBALG**, Carlos. *Lugar de negro*, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982



GONZÁLES, Lélia. Racismo e Sexismo na Sociedade Brasileira, *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, 1982, [1980].

GUIMARÃES, A S. Raça e os estudos de relações raciais no Brasil, *Novos Estudos CEBRAP*, nº 54, julho de 1999, pp.147-156.

HITA—DUSSEL, M.G. *As casas das mães sem terreiro: etnografia de modelo familiar matriarcal em um bairro popular da cidade de Salvador* (Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2004).

HOOKS, Bel. Intelectuais negras. *Revista Estudos Feministas*, V.3, nº 2, 1995.

KOFES, Maria Suely. Categorias analítica e empírica: gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações, *Cadernos Pagu*, nº 01, 1993.

_____. Maria Suely. *Mulher, Mulheres: diferenças e identidade nas armadilhas da igualdade e desigualdade: interação e relação entre patroas e empregadas domésticas*. (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 1990)

_____. Maria Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. (Tese de Livre Docência, UNICAMP, 1998).

LIMA, Márcia. Trajetória educacional e realização sócio-econômica das mulheres Negras, *Revista Estudos Feministas*, IFCS, UERJ, V.3/ nº 2 , Rio de Janeiro, 1995.

MOREIRA, Diva e **SOBRINHO**, Adalberto Batista. Casamentos inter-raciais: o homem negro e a rejeição da mulher negra in: Costa e Amado (orgs.). *Alternativas escassas, saúde, sexualidade e reprodução na América Latina*, Rio de Janeiro: FCC, Editora 34, 1994., pp.83-107.

MOREIRA, Núbia Regina. *O Feminismo negro brasileiro: um estudo do Movimento de Mulheres Negras no Rio de Janeiro e São Paulo* (Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 2007)

OLIVEIRA, Lúcia Helena; **PORCARO** Rosa Maria e **ARAÚJO**, Teresa Cristina N. *O lugar do negro na força de trabalho*. Rio de Janeiro: IBGE; 1985;



PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *“Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar”*: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia (Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2008).

_____. Ana Cláudia Lemos. Raça, gênero e escolhas afetivas: uma abordagem preliminar sobre solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia, *Temáticas*, Campinas, 11(21/22): 11-48, jan./dez.2003, pp.11-48.

_____. Ana Cláudia Lemos. Raça, gênero e política na trajetória de uma mulher negra chamada Zeferina. In: Almeida et alli (orgs.). *Gênero em matizes*, São Paulo: CDPAH/ EDUSF, 2002. pp.263-84.

_____. Ana Cláudia Lemos. Raça, gênero e relações sexual-afetivas na produção bibliográfica das Ciências Sociais brasileiras - um diálogo com o tema. *Afro-Ásia*, 34 (2006), pp.153-188.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras brasileiras: de Bertioiga a Beijing, *Estudos Feministas*, (2), 1995.

ROSALDO, Michelle. Toward na Anthropology of self and feeling in Shweder, R.A and Levine,R.A .(eds.) *Culture Theory- Essays on Mind, Self, and Emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

SANTOS, Martha Rocha dos. *Arranjos familiares e desigualdades raciais entre trabalhadores em Salvador e Região Metropolitana (1987-1989)*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 1996)

SCALON M.C.R da C. Cor e seletividade conjugal no Brasil, *Estudos Afro-Asiáticos*, (23)17-36, dezembro de 1992.

SILVA, Jônatas Conceição da. História de lutas negras: memórias do surgimento do movimento negro na Bahia. In Reis, João José (org.). *Escravidão e invenção da liberdade. estudos sobre o negro no Brasil*, São Paulo: Brasiliense, 1988.

SILVA, Nelson do Valle. Estabilidade temporal e diferenças regionais no casamento inter-racial no Brasil, *Estudos Afro-Asiáticos*, (21), dez 1991. pp.49-60



SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Iyámi, Iyá, Agbás: dinâmica da espiritualidade feminina em templos afro-baianos, *Revista Estudos Feministas*, v.3/ nº 2, Rio de Janeiro, 1995.

SOARES, Cecília Moreira. *Mulher negra na Bahia no Século XIX*, Salvador: EDUNEB, 2007.

SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*, Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ⁱ Ver Ribeiro, Matilde. Mulheres negras brasileiras: de Bertioaga a Beijing, *Estudos Feministas*, (2), 1995, pp.446-457.

ⁱⁱ Refiro-me aos trabalhos de Gonzáles, Lélia. *Racismo e Sexismo na Sociedade Brasileira*, Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 1982, [1980, mimeo]; Oliveira, Lúcia Helena; Porcaro, Rosa Maria e Araújo, Teresa Cristina N. *O lugar do Negro na Força de Trabalho*. Rio de Janeiro: IBGE; 1985; Bairros, Luiza. Mulher negra: reforço da subordinação. In: João J.Reis (org.). *Escravidão e invenção da liberdade. estudos sobre o negro no Brasil*: São Paulo: Brasiliense, 1988; .Giacomini, Sônia Maria. Ser escrava no Brasil, Revista *Estudos Afro-Asiáticos*, nº 15, Rio de Janeiro, 1988., Carneiro, Sueli e Santos, Theresa. *Mulher negra*, São Paulo: Nobel/Conselho Estadual da Condição Feminina, 1988.

ⁱⁱⁱ Berquó, Elza. *Nupcialidade da população negra no Brasil*, Núcleo de Estudos de População (NEPO), UNICAMP, texto nº 11, São Paulo, agosto de 1987.

^{iv} Refiro-me as pesquisas de Silva. Nelson do Valle. Estabilidade temporal e diferenças regionais no casamento inter-racial no Brasil, *Estudos Afro-Asiáticos*, (21), dez 1991. pp.49-60 ; Scalon, M.C.R da C. Cor e seletividade conjugal no Brasil, *Estudos Afro-Asiáticos*, (23)17-36, dezembro de 1992.

^v Utilizo o conceito de afetividade/emoções na perspectiva de Rosaldo, Michelle. Toward na Anthropology of self and feeling in Shweder, R.A and Levine,R.A .(eds.) *Culture Theory- Essays on Mind, Self , and Emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.



^{vi} Estou me referindo ao livro da jornalista Almada, Sandra. *Damas Negras* - Chica Xavier, Léa Garcia, Ruth de Sousa, Zezé Motta, Rio de Janeiro: MAUAD, 1995; da *Revista Raça Brasil* (uma revista direcionada especialmente ao público negro brasileiro) Ano – 1, nº 2, p.14, outubro de 1996, onde foi publicado o depoimento da apresentadora negra da TV Globo, Glória Maria, falando sobre relacionamentos afetivos com homens negros; o artigo de Carneiro, Suely. Gênero, Raça e Ascensão Social, Revista *Estudos Feministas*, IFCS/UERJ, vol.3, n.2, 1995 e o artigo de Moreira, Diva e Sobrinho, Adalberto Batista. Casamentos Inter-raciais: o homem negro e a rejeição da mulher negra in: Costa e Amado (orgs.). *Alternativas Escassas, Saúde, Sexualidade e Reprodução na América Latina*, Rio de Janeiro: FCC, Editora 34, 1994., pp.83-107.

^{vii} Ver Pacheco, Ana Cláudia Lemos. Raça, gênero e escolhas afetivas: uma abordagem preliminar sobre solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia, *Temáticas*, Campinas, 11(21/22): 11-48, jan./dez.2003, pp.11-48.

^{viii} Pacheco, Ana Cláudia Lemos. “Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar”: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia (Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2008).

^{ix} Entende-se por Movimento Negro brasileiro, contemporâneo, todas as expressões políticas e culturais da população negra contra a discriminação racial. Esse movimento se inicia no Brasil, na década de 30, com a Frente Negra, e continua com as diversas formas de expressão político-cultural do negro nas quatro décadas seguintes. Na década de 70, o movimento negro ressurgiu de forma politicamente organizada no cenário nacional, sobretudo a partir da fundação do Movimento Negro Unificado (MNUCDR) em São Paulo. Esse período é considerado como o marco da nova fase de resistência e mobilização negra na sociedade brasileira. Sobre o balanço do movimento negro contemporâneo brasileiro, ver os trabalhos de Fernandes, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*, volume 2, 3ª edição, São Paulo Ática, 1978 [1965]; Gonzáles, Lélia e Hansenbalg, Carlos. *Lugar de negro*, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982; Silva, Jônatas Conceição da. História de lutas negras: memórias do surgimento do movimento negro na Bahia. In Reis, João José (org.). *Escravidão e Invenção da Liberdade*. Estudos sobre o negro no Brasil, São Paulo: Brasiliense, 1988.

Souza, Florentina da Silva. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*, Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Segundo Souza (ib., 2005, p.14), esse movimento se caracteriza, ainda, por ser “diversificado, necessário e produtivo para a construção de identidades, os movimentos negros no Brasil têm-se mobilizado para a realização de



rituais de afirmação como celebração de datas, resgate de acontecimentos históricos, releitura e organização de arquivos que contestam a pretendida homogeneidade das histórias registradas e resgatadas pela memória cultural instituída, a promoção de atos públicos de protestos e de denúncia com vistas a interferir na base de construção da memória, na disposição de forças políticas da sociedade e a interferir no desenho da auto-imagem do afro-brasileiro”.

^x Segundo Ribeiro (ib.,1995., p.447), a organização política contemporânea das Mulheres Negras no cenário brasileiro, se deu no final da década de 70, mas a organização em nível nacional se deu na década de 1980. O que diferencia o Movimento de Mulheres Negras do Movimento Negro e do Movimento Feminista mais geral é sua especificidade. De acordo com a autora, essa especificidade pode designar: a) a idéia do que é “próprio”, a pertinência da opressão (p.ex, o que é “próprio” da mulher negra, o caráter da opressão da mulher negra); b) a diferença dentro de um mesmo segmento (p.ex., a diferença entre mulheres brancas e negras ou entre homens negros e mulheres negras); c) a explicitação de um processo organizativo (p.ex., a organização específica das mulheres negras). Para um balanço desse movimento na atualidade, ver Moreira, Núbia Regina. *O Feminismo negro brasileiro: um estudo do Movimento de Mulheres Negras no Rio de Janeiro e São Paulo* (Dissertação de Mestrado, IFCH/UNICAMP, 2007) e Pacheco, Ana Cláudia Lemos. Raça, gênero e política na trajetória de uma mulher negra chamada Zeferina. In: Almeida et alli (orgs.). *Gênero em matizes*, São Paulo: CDPAH/ EDUSF, 2002. pp.263-84.

^{xi} Ver Guimarães, A S. Raça e os estudos de relações raciais no Brasil, *Revista Novos Estudos CEBRAP*, nº 54, julho de 1999, pp.147-156.

^{xii} Ver a concepção de classe em Bourdieu, Pierre. *O poder simbólico*, Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

^{xiii} Ver Berquó, Elza. *Pirâmide da Solidão? Trabalho apresentado no V Encontro Nacional de Estudos Populacionais da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP)*, São Paulo, outubro de 1986.

^{xiv} Para uma discussão sobre gênero-raça, ver Collins, Patrícia Hill. The social Construction of Black Feminist Thought, *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v. 14, nº 04, 1989; Crenshaw, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero, *Estudos Feministas* (01) 2002. pp.171-263; Bairros, Luíza. Nossos feminismos revisitados, *Revista Estudos Feministas*, V.3, nº 2, IFCS / UFRJ, R.J, 1995; Corrêa, Mariza. Sobre a invenção da mulata. *Cadernos Pagu* (6/7) 1996 ; Hooks, Bel. Intelectuais negras. *Revista Estudos Feministas*, V.3, nº 2, 1995; Kofes, Suely. *Categorias analítica e empírica: gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações*, *Cadernos Pagu*, UNICAMP, nº 01, 1993; Siqueira, Maria de Lourdes. Iyámi, Iyá, Agbás: dinâmica da espiritualidade feminina em templos afro-baianos, *Revista Estudos Feministas*, v.3/



nº 2, Rio de Janeiro, 1995; Castro, Mary G. *Alquimia de categorias sociais na produção de sujeitos políticos* (Gênero, raça e geração entre líderes do sindicato de trabalhadores domésticos em Salvador), XV Encontro Anual da ANPOCS, GT “Relações Sociais de Gênero”, Caxambu, MG, 1991.

^{xv} Ver o conceito de trajetória em Bourdieu, Pierre. *L’illusion biographique*, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n 62/ 63, juin, 1986, Paris.

^{xvi} Utilizo o conceito de narrativa na concepção de Kofes, Maria Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. (Tese de Livre Docência, UNICAMP, 1998).

^{xvii} Ver as pesquisas de Bento, Maria Aparecida Silva. A mulher negra no mercado de trabalho. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro: IFCS, UERJ, v.3, n.2, 1995; Lima, Márcia. Trajetória Educacional e Realização Sócio-Econômica das Mulheres Negras, *Revista Estudos Feministas*, IFCS, UERJ, V.3/ nº 2 , Rio de Janeiro, 1995. Santos, Martha Rocha dos. *Arranjos familiares e desigualdades raciais entre trabalhadores em Salvador e Região Metropolitana* (1987-1989). (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 1996) e Soares, Cecília Moreira. *Mulher negra na Bahia no Século XIX*, Salvador: EDUNEB, 2007.

^{xviii} Ver Hooks (1995) e Gonzalez (1984) citadas nas notas 2 e 14, respectivamente.

^{xix} Castro (1990), ver referência nota 14; Kofes, Maria Suely. *Mulher, Mulheres: diferenças e identidade nas armadilhas da igualdade e desigualdade: interação e relação entre patroas e empregadas domésticas*. (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 1990) e Pacheco (2002; 2008), ver notas 10 e 8, respectivamente.

^{xx} Para uma discussão sobre corpo, ver Fanon, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*, Rio de Janeiro: Ed.Fator, 1983 e Gomes, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos de identidade negra*, Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

^{xxi} Para uma discussão sobre escolhas e afetividade na Antropologia e nas Ciências Sociais brasileiras, ver Pacheco (2008), já citada nesse texto e Pacheco, Ana Cláudia Lemos. Raça, gênero e relações sexual-afetivas na produção bibliográfica das Ciências Sociais brasileiras - um diálogo com o tema. *Afro-Ásia*, 34 (2006), pp.153-188.



Anais
V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

^{xxii} Ver a pesquisa de Agier, Michel. O sexo da pobreza: homens, mulheres e famílias numa Avenida em Salvador da Bahia, *Tempo Social* (Universidade de São Paulo) vol.2, nº 2, 1990. Numa outra perspectiva, ver o trabalho de Hita-Dussel, M.G. *As casas das mães sem terreiro: etnografia de modelo familiar matriarcal em um bairro popular da cidade de Salvador* (Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2004).

^{xxiii} Ver pesquisa de Rocha (1996), citada na nota 17.

^{xxiv} Geertz, Clifford. *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro: LTC, 1989.